

Resenha crítica do livro “1913: Antes da tempestade” de autoria de Florian IlliesMônica de Matos d'Assumpção¹

“Tomba o antigo, mudam os tempos” (Guilherme Tell- F. Schiller, citado no “calendário de bolsos dos boticários, 1913”)²

O livro *1913: antes da tempestade* foi escrito por Florian Illies, em 1971 e traduzido para o português por Silvia Bittencourt, em 2016. O autor nasceu em 4 de maio de 1971 em Schlitz, Alemanha. É jornalista, escritor, historiador de arte e negociante de arte. Na imprensa, trabalhou em importantes jornais e periódicos europeus, tendo sido co-fundador da revista de arte *Monopol*. Além de *1913 – Antes da tempestade*, publicou outros quatro títulos, acumulando mais de um milhão de exemplares vendidos: *Geração golfe – Uma inspeção* (2001), *Instruções para Unschuldigsein* (2001), *Geração golfe II* (2003) e *Chamada local* (2006)³.

O autor inicia o livro explicando que a narrativa está localizada temporalmente às vésperas da Primeira Grande Guerra e nessa época o mundo, e principalmente a Europa, vivia uma fase de otimismo e progresso em várias áreas do saber e da cultura, em uma efervescência criativa e produtiva da modernidade.

O livro se refere aos acontecimentos na vida de personagens ligados às artes, às ciências, à filosofia, à política, dentre outras áreas do saber, no ano anterior à eclosão dos conflitos, principalmente, mas não exclusivamente, nas cidades de Viena, Berlim, Paris e Munique, onde a intelectualidade e as vanguardas modernistas estavam concentradas e lugar cujos limites pré-estabelecidos estavam se rompendo e os ventos da modernidade sopravam a todo o vapor. A obra foi escrita em doze capítulos, cada um deles correspondente a um mês do ano de 1913. Cada capítulo foi dividido em seções, onde o autor faz pequenos recortes temporais e neles discorre sobre a vida cotidiana dos diversos personagens escolhidos, quase todos ligados às artes, às ciências e à intelectualidade em geral, bem como descreve certos acontecimentos de cunho mais

¹ Doutoranda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista FAPERJ

² -Citado em ILLIES, F. “1913:Antes da tempestade”. São Paulo: Estação Liberdade, 2016, p.117.

³ - Informações presente na página eletrônica <http://www.estacauliberdade.com.br>

geral, alguns com referência direta a uma possível Guerra, certos movimentos diplomáticos e ações de alguns Estados.

As principais cidades destacadas pelo autor funcionavam como polos culturais, artísticos e políticos às vésperas da Primeira Grande Guerra. No quadrilátero Paris, Viena, Berlim e Munique conviviam representantes de diversas linhas do pensamento modernista que se entrecrocavam com antigos valores já estabelecidos, alguns querendo manter seu *status quo* e tentavam impossibilitar que outras expressões de vanguarda ascendessem. Isso ficou patente no livro, principalmente nas áreas das artes em geral, no lançamento de peças, espetáculos e exposições.

Convivendo com esses conflitos, a vanguarda artística buscava unir forças e tentar romper com certas ordens pré-existentes, trazendo novas formas de expressão das artes, mas também na literatura, na música e na poesia. O apelo artístico para que se enxergassem novas formas de ver o mundo através dessas expressões nem sempre eram bem recebidas pelo grande público, mas mesmo assim marcou a época anterior a Primeira Grande Guerra como um momento de extrema efervescência cultural, que demonstrava a esperança desses representantes quanto ao presente, mas também suas angústias e dúvidas sobre os melhores caminhos a seguir no futuro. Para os representantes dessa vanguarda, tudo aquilo que se estava criando era algo novo, novas formas, novas estéticas, novos enredos.

Na obra, como pano de fundo, em um contexto macro, estão os últimos meses anteriores à eclosão da Primeira Guerra. Em camada sobreposta, em escala menor e logo em janeiro, a notícia de que o quadro “Mona Lisa”, de Leonardo Da Vinci, roubado do Louvre desde 1911 e que até 1913 ainda não tinha sido encontrado. Essa notícia apareceu por todo o livro, somente cessando quando o quadro foi encontrado, em dezembro de 1913, na Itália. O ladrão quis devolver a obra para a Itália, país de origem do quadro.

Em escala menor também há a vida amiúde dos personagens escolhidos pelo autor, sendo que alguns deles são mais frequentes no livro que outros. Deles, se pode destacar Franz Kafka, escritor de língua alemã, que vivia em Praga - na época Império Austro-Húngaro, que se correspondia frequentemente com Felice Bauer, a partir de 1912- que vivia em Berlim - sua noiva, cujos fragmentos de cartas transcritas pelo autor

nos possibilitam traçar um perfil do escritor como alguém confuso e inseguro, ao mesmo tempo no auge da sua produção literária.

Outro personagem destacado pelo autor foi Sigmund Freud, que nessa época trabalhava nas teorias psicanalíticas, estava escrevendo o livro “Totem e Tabu” e tinha rompido relações com C.G.Jung e com os psicólogos de Zurique; recebeu destaque o seu gato, que recebia afeto de Freud no decorrer do livro. Freud esconde o seu medo em enfrentar seus opositores.

Thomas Mann também é descrito pelo autor como um homem atormentado pela saúde de sua esposa Kátia. O escritor, que já era famoso nessa época, tinha acabado de lançar o livro “A morte em Veneza” e estreava uma peça escrita por ele no teatro – a “Fiorenza”. Mann mora no subúrbio de Berlim e esconde sua homossexualidade.

Outro retratado pelo autor foi Franz Marc, chamado de “o cavalheiro azul” graças as suas pinturas expressionistas, se torna vanguardista nessa época. E que tenta ajudar financeiramente Else Lasker –Schuler, poetisa, sem sucesso. Esta se apaixona por G. Benn, poeta e patologista berlinense. Ambos os relacionamentos foram extremamente intensos, segundo o autor.

Outro caso de amor tem lugar constante nas páginas do livro: o amor improvável de Alma Mahler, viúva do músico Mahler, e Oskar Kokoschka, pintor expressionista, em terras vienenses. No fim do ano e do livro, o último romance descrito pelo autor foi entre Karl Kraus e Sidone Nádherný, ex affair de Rilke. Rainer Maria Rilke, poeta, que dependia de mulheres para sobreviver, sobretudo das amantes, vivia de poesia.

Oswald Spengler, professor de matemática, sociopata, misantropo, com trinta e três anos - assim o descreveu o autor, estava em Munique escrevendo “A decadência do Ocidente” foi um dos personagens mais incomodados com os tempos que se avisinhavam, pressentindo as instabilidades reinantes. O sentimento principal de Spengler era o medo. Para ele uma grande época estava se encerrando e ninguém percebia isso. No livro que escreve ele afirma que toda a cultura tem suas novas possibilidades de expressão, que um dia se vão para nunca mais retornar (*idem*, p. 34).

Picasso e Georges Braque, fundadores do Cubismo, mostram que é possível pintar as representações das mudanças de perspectivas do mundo. São os

revolucionários das artes, como definido pelo autor. Logo o cubismo seria reinventado pelas colagens do cubismo sintético. Mas as artes também tomaria o rumo da abstração e os artistas tentavam se livrar das referências do real, como os trabalhos de Kandinski, Delaunay, Modrian, entre outros. Ascende, paralelamente, o cinema na Europa, a sétima arte, como expressão e representação social.

Marcel Proust também é citado e acompanhado pelo autor. Ele vive em Paris e escreve a primeira parte daquela que viria a ser sua obra clássica “Em busca do tempo perdido”, uma ode a efemeridade do tempo e da memória,

O autor destaca as cidades que estariam com o ritmo mais intenso no que tange a transição para a modernidade: Berlim, Munique, Viena e Paris. Berlim se tornou iluminada, pois chegava a cidade os lampiões à gás e perdeu o maior brilho das estrelas no firmamento- uma versão romântica se foi. Berlim tinha uma população grande, mas a vanguarda estava em maior quantidade nas cidades de Viena e Paris.

Viena para o autor era uma metrópole capital da vanguarda modernista, vista pelo mundo inteiro como tal, menos por ela mesma “tamanho era o desejo de autodestruição que as pessoas não repararam ter sido movidas de repente para o topo do movimento chamado de modernista” (*idem*, p . 48). E assim define o sentimento inspirado pelo modernismo: autoquestionamento e autodestruição, “componentes centrais do novo pensamento e a ‘época nervosa’, como definiu Kafka tinha começado” (*idem*, p . 48). E Viena vivia com os nervos mais expostos do que em qualquer outro lugar “em termos práticos, metafóricos, artísticos e psicológicos” (*idem*, p . 48) .

Contudo, Paris ainda era a cidade de grandes artistas como Matisse, Picasso, Stravinsky, Proust, entre muito outros. Paris, Berlim, Munique e Viena são as cidades eleitas pelo autor como àquelas da frente modernista, sendo que Viena era a capital do moderno ano de 1913, segundo Illies.

Ali, S. Freud, A. Schnitzler, E. Schiele, G.Klimt,Karl Kraus, Georg Trakl, Oskar Kokoschka, Adolf Loos entre vários outros citados no livro são parte dessa vanguarda vienense que “travam as batalhas em torno do inconsciente, dos sonhos, da nova música, da nova visão, da nova arquitetura, da nova lógica, da nova moral” (*idem*, p .50-51).

E essas cidades permaneceriam assim no centro dos acontecimentos até o fim da Segunda Guerra, quando essa posição passará a ser exercida principalmente pelos Estados Unidos. O endereço mais famoso de Viena, a cidade mais modernista de 1913, é o de Sigmund Freud. O analista já era famoso em 1913 e também rico. O autor diz que ele é uma lenda, sobretudo quanto as suas pesquisas sobre sonhos e sexualidade.

No final de 1913, o destaque do autor vai para Marcel Duchamp, artista dadaísta, surrealista, expressionista abstrato, entre outros. O artista criou obras, que não eram de arte: em fins do ano de 1913, criou uma obra usando um banquinho comum, fixando a roda dianteira de uma bicicleta em cima dele. Enquanto em Paris e Berlim os artistas disputavam qual seria o caminho da perfeição artística, se cubismo, expressionismo, realismo ou abstração, Duchamp cria o *ready-made*⁴. Quase ao mesmo tempo, surge em Moscou “quadrado negro sobre fundo branco”, de Kasimir Maliévitch, na verdade ambas as obras são marcos da “forma zero”, pois as criações trouxeram novos pontos de partida para as artes.

Outros personagens importantes politicamente surgem no livro. Stalin, com trinta e quatro anos aparece logo no início do livro como alguém vindo da Cracóvia- em exílio com Lênin - para Viena de trem e lá fica escondido e escreve o ensaio “O marxismo e a questão nacional”. Na mesma época, Adolf Hitler permaneceu algum tempo em Viena, mesmo após ter sido recusado na Academia de Artes e depois fugiu do recrutamento obrigatório, indo para Munique ainda em 1913. Tanto Stálin quanto Hitler frequentavam o mesmo parque em Viena no mesmo tempo e podiam ter se conhecido, segundo suposições do autor. Stálin sai de Viena e em dezembro está exilado na Sibéria. Para o autor, a “Era dos extremos” começou na Viena de 1913, quando dois dos principais personagens do século XX se encontravam no mesmo lugar (*idem*, p. 31). Ainda mais interessante é que, além de Stálin e Hitler, outro personagem inquietante estava em Viena no início do ano de 1913, o iugoslavo Tito. Três importantes figuras políticas do futuro estavam no mesmo lugar, ao mesmo tempo, ainda que de forma breve. Nenhum deles teria os seus papéis definidos na Primeira Grande Guerra.

⁴ Conceito artístico elaborado por Duchamp cuja prática é a de colocar objetos cotidianos (especialmente aqueles de fabricação industrial, ou que começam a existir com o advento da indústria), fora de seus contextos originais, ou de sua utilidade, e os expor em espaços artísticos.

Outros importantes personagens para o contexto da Guerra que se seguirá são o imperador da Áustria e o seu sucessor, o arquiduque Francisco Ferdinando, ambos retratados pelo autor. O Imperador Francisco José, com oitenta e três anos e sessenta e cinco no poder em 1913, foi descrito pelo autor como um homem de ação e disposição, apesar de elevada idade. Seu sucessor ao trono austríaco, devido a morte da imperatriz Sissi e do filho Rodolfo, era o sobrinho Francisco Ferdinando, que não tinha muito prestígio junto ao imperador. No livro, o autor descreveu o arquiduque como alguém que tinha muito receio de uma possível guerra nos Balcãs, mais especificamente na Sérvia. Seus movimentos junto ao Imperador tinham como propósito deter os sérvios, sem atrair a atenção da Rússia, evitando uma guerra regional. Francisco Ferdinando não tem muito sucesso na corte do imperador, sobretudo em função do seu casamento com Sofia Chotek, pois esta não seria da sua classe. A corte só autorizava a presença dela e dos filhos se estes renunciassem a todos os direitos, o que abria a retaguarda da família do sucessor para muitas humilhações públicas.

Em Berlim, o acontecimento mais marcante do ano foi o casamento da Princesa Vitória Luísa da Prússia com o duque Ernesto Augusto de Hannover. Para a festa de casamento foram convidados e compareceram o czar russo Nicolau II, o rei britânico George V, além de muitos outros nobres. Contudo, todas as atenções se voltaram para o encontro dos três líderes- o czar, o kaiser e o rei- e tal fato foi visto pelos jornais como um sinal de tranquilidade entre as partes e seus reinos neste encontro singular. Para esse casamento, o herdeiro do trono austríaco não foi convidado, o que foi um duro golpe, segundo o autor. No dia seguinte ao casamento, ainda com os principais líderes presentes, se noticiou o suicídio do Coronel Redl. O coronel Redl era um dos mais antigos militares da monarquia austro-húngara e foi acusado de espionagem, ao vender documentos confidenciais para a Rússia há mais de dez anos e também por ser homossexual. Tal situação demonstra que o equilíbrio de forças das principais nações europeias estava ameaçado.

O Kaiser alemão Guilherme II é retratado pelo autor em junho de 1913, como sendo “estranho, interessado acima de tudo em navios e decoro” (*idem*, p. 188). Está há 25 anos no poder, é do tipo controlador e quis ser conhecido como o “Kaiser da paz”, mesmo que tenha mandado ampliar os exércitos no ano de 1913.

O Imperialismo também é tema desse livro. Nesse período, a Sociedade Alemã do Oriente promove diversas escavações no Egito. Metade dos achados ficou no Cairo e a outra metade foi para os museus alemães. Entre as peças que foram para a Alemanha estava o busto de Nefertiti – o busto que será o mais famoso do mundo. Algumas expedições particulares também promoviam viagens exploratórias pelo mundo. Emil Nolde, pintor expressionista, com a esposa e amigos, demoraram dois meses para chegar nas colônias instaladas nas ilhas do pacífico. Lá chegando, se decepcionam com os aborígenes, pois estavam europeizados, onde se pretendia encontrar a beleza original. Os quadros de Nolde desse tempo retratam a seriedade e a apatia da era moderna, influenciados por esta realidade que este constatou nas colônias.

De uma forma geral, há uma forte inquietude e ânimos exaltados no ar. Um dos exemplos que revela tal afirmativa foi a capa da edição da revista “Novo Panorama” do mês de março foi “Para onde vamos?”, cujo conteúdo demonstrava a ira contra a arte contemporânea da França e da Alemanha, sobretudo no que se refere a arte expressionista. Por outro lado, a doença de 1913 é a neurastenia. Essa doença atinge diversos intelectuais e artistas nesse momento e não havia cura. A neurastenia é uma doença psicológica, diagnosticada através da observação do comportamento. O neurastênico é um indivíduo que apresenta falta de interesse, apatia, irritabilidade, hipocondria e, sobretudo, notória histeria. Essa doença atingiu alguns expoentes como Franz Kafka, Robert Musil e Marcel Duchamps, reflexos dos momentos de grandes transformações. Também atingiu a Bertolt Brecht, com quinze anos. Para Musil é impossível ter uma moléstia mais bela e comovente na modernidade, ao ler o laudo médico que dizia que ele “sofre de neurastenia generalizada de alto grau, com envolvimento do coração” (*idem*, p. 204).

Por outro lado, se observa uma atmosfera de crise na narrativa de Illies. Essa situação transparece, sobretudo, na vida de alguns personagens na forma de instabilidades, incômodos, ansiedades e até doenças, como a neurastenia. Esse clima também aparece nos conflitos de interesses no campo das artes, sugerindo uma crise trazida pela modernidade, onde as expectativas não se concentrariam mais no futuro, na construção de algo melhor como antes e sim na ruptura com o passado, que parece não mais representar os artistas de vanguarda. O cenário era de um novo tempo, que exigia produções artísticas que rompessem com o “velho”, a partir de novas representações

sobre o mundo. A modernidade, diz Koselleck, caracteriza-se pelo progressivo afastamento entre experiência e expectativa: “só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então” (Pág. 314, 2006).

Assim, a partir da visão ampla acerca do último ano antes da Primeira Guerra, cuja trama é permeada de pequenas histórias de notórios sujeitos sociais, o autor constrói uma narrativa multifacetada e, ao mesmo tempo, harmônica e contextualizada, onde buscou expandir a perspectiva histórica, de forma original, em uma espécie de preâmbulo dos rumos que tomariam o conflito mundial que viria em seguida.

Referências

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2006, p.305-347

ILLIES, Florian . *1913: Antes da tempestade*. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

Recebido em: 18/08/2017

Aprovado em: 16/12/2017